

2.2. A Semântica Operacional do Cálculo Lambda

Até agora foi descrita a sintaxe do cálculo- λ . Para chamá-lo de “cálculo”, devemos porém dizer como “calcular” com ele.

Basicamente isto é realizado através de três regras de conversão, que descrevem como converter uma expressão- λ em outra.

2.2.1. Introdução à conversão: Variáveis *atadas* e *livres* (*bound/free*)

Consideremos a expressão- λ : $(\lambda x. + x y) 4$

Para avaliar esta expressão necessitamos:

- saber o valor “global” de y .
- não necessitamos saber o valor global de x , pois é o parâmetro formal da função.
- Assim vemos que: x e y possuem um status bastante diferente.

A razão é que x ocorre *atado* pelo λx , é somente um encaixe dentro do qual o argumento 4 é colocado quando a abstração- λ for aplicada ao argumento.

Por outro lado, y não é atado por nenhum λ e assim ocorre *livre* na expressão.

A ocorrência de uma variável é atada se há uma expressão- λ envolvente que a amarra, senão é livre. No exemplo a seguir, x e y ocorrem atados, z porém, ocorre livre:

$$\lambda x. + ((\lambda y. + y z) 7) x$$

Observe que os termos atado e livre se referem a ocorrências específicas da variável em uma expressão.

Uma variável pode possuir tanto uma ocorrência atada como uma livre em uma expressão. Considere o exemplo:

$$+ x ((\lambda x. + x 1) 4)$$

Aqui x ocorre livre (a primeira vez) e atada (a segunda). Cada ocorrência individual de uma variável deve ser ou atada ou livre.

As definições formais de livre a atado são dadas abaixo:

Definição de ocorre livre:

x ocorre livre em x (mas não em outra variável ou constante qualquer)

x ocorre livre em $(E F) \Leftrightarrow$ x ocorre livre em E ou x ocorre livre em F

x ocorre livre em $\lambda y.E \Leftrightarrow$ x e y são variáveis diferentes e x ocorre livre em E

Nota: nenhuma variável ocorre atada em uma expressão consistindo de uma única constante.

Definição de ocorre atada:

x ocorre atada em $(E F) \Leftrightarrow$ x ocorre atada em E ou x ocorre atada em F

x ocorre atada em $\lambda y.E \Leftrightarrow$ (x e y são a mesma variável e x ocorre livre em E) ou x ocorre atada em E

2.2.2. Conversão-Beta

Uma abstração- λ denota uma função. Assim necessitamos descrever como aplicá-la a um argumento.

A função $(\lambda x. + x 1) 4$ é a justaposição do função $(\lambda x. + x y)$ e do argumento 4 e, por conseguinte, denota a aplicação de uma certa função, denotada pela abstração- λ , ao argumento 4 .

A regra para a aplicação de uma função é muito simples:

- O resultado da aplicação de uma abstração- λ um argumento é uma instância do corpo da abstração- λ no qual ocorrências (livres) do parâmetro formal no corpo são repostos pelo argumento.

O resultado de se aplicar a abstração ao argumento é: $+ 4 1$ onde o $(+ 4 1)$ é um instância do corpo $(+ x 1)$ no qual ocorrências do parâmetro formal x foram repostas pelo argumento 4 .

Nós escrevemos as conversões utilizando o símbolo \rightarrow como antes:

$$(\lambda x. + x 1) 4 \rightarrow + 4 1$$

Esta operação é chamada de β -redução e a sua implementação eficiente é um aspecto importante na elaboração de linguagens de programação funcional.

Exemplos simples de β -redução:

- O parâmetro formal pode ocorrer várias vezes no corpo:

$$\begin{aligned} (\lambda x. + x x) &\rightarrow + 5 5 \\ &\rightarrow 10 \end{aligned}$$

Da mesma forma, poderá não haver ocorrências do parâmetro formal no corpo: $(\lambda x. 3) 5 \rightarrow 3$

Nesse caso não há ocorrências do parâmetro formal (x), pelo qual o argumento 5 poderia ser substituído. Assim o argumento é descartado sem uso.

O corpo de uma abstração λ poderá ser constituído por outra abstração λ :

$$\begin{aligned} (\lambda x. (\lambda y. - y x)) 4 5 &\rightarrow (\lambda y. - y 4) 5 \\ &\rightarrow - 5 4 \\ &\rightarrow 1 \end{aligned}$$

Observe-se que, ao se construir a instância do corpo da abstração λx , o corpo inteiro inclusive a abstração λy envolvida por esta, substituindo-se x , é copiado.

Aqui se observa também o efeito do Currying: a aplicação da abstração λx retornou uma função (a abstração λy) como seu resultado. Esta por sua vez, aplicada resultou em $(- 5 4)$.

Funções encapsuladas umas dentro das outras são comumente abreviadas:

$$(\lambda x. (\lambda y. E)) \textit{ para } (\lambda x. \lambda y. E)$$

Funções podem ser argumentos também:

$$\begin{aligned} (\lambda f. f 3)(\lambda x. + x 1) &\rightarrow (\lambda x. + x 1) 3 \\ &\rightarrow + 3 1 \end{aligned}$$

→ 4

Uma instância da abstração λx é substituída por f onde quer que f apareça no corpo da abstração de λf .

Nomenclatura:

Nomes de parâmetros formais podem não ser únicos:

$$\begin{aligned} (\lambda x. (\lambda x. + (- x 1)) x 3) 9 &\rightarrow (\lambda x. + (- x 1)) 9 3 \\ &\rightarrow + (- 9 1) 3 \\ &\rightarrow 11 \end{aligned}$$

Observe-se que o x interno não foi substituído na primeira redução, pois estava protegido pelo λx envolvente, ou seja, a ocorrência interna de x **não** é livre no corpo da abstração λx externa.

Dada uma abstração- λ , $(\lambda x.E)$, é possível identificar-se exatamente as ocorrências de x que deveriam ser substituídas através da identificação de todas as ocorrências de x que estão livres.

Dessa forma, para o exemplo acima, examinamos o corpo da abstração:

$$(\lambda x. + (- x 1)) x 3$$

e vemos que a segunda ocorrência de x é livre, podendo ser substituída.

A idéia do aninhamento do escopo de variáveis em uma linguagem de programação estruturada é análoga a esta regra.

Outro exemplo:

$$\begin{aligned} (\lambda x. \lambda y. + x ((\lambda x. - x 3) y)) 5 6 &\rightarrow (\lambda y. + 5 ((\lambda x. - x 3) y)) 6 \\ &\rightarrow + 5 ((\lambda x. - x 3) 6) \\ &\rightarrow + 5 (- 6 3) \\ &\rightarrow 8 \end{aligned}$$

Novamente, o x mais interno não é substituído, uma vez que não é livre no corpo da abstração mais externa.

Exemplo maior: Modelagem de Construtores de Dados

Definimos CONS, HEAD e TAIL da seguinte forma:

$$\begin{aligned}\text{CONS} &= (\lambda a. \lambda b. \lambda f. f a b) \\ \text{HEAD} &= (\lambda c. c (\lambda a. \lambda b. a)) \\ \text{TAIL} &= (\lambda c. c (\lambda a. \lambda b. b))\end{aligned}$$

as fórmulas acima obedecem às regras para CONS, HEAD e TAIL definidas anteriormente (Seção 2.1.3). Exemplo:

$$\begin{aligned}\text{HEAD (CONS p q)} &= (\lambda c. c (\lambda a. \lambda b. a))(\text{CONS p q}) \\ &\rightarrow \text{CONS p q } (\lambda a. \lambda b. a) \\ &= (\lambda a. \lambda b. \lambda f. f a b) p q (\lambda a. \lambda b. a) \\ &\rightarrow (\lambda b. \lambda f. f p b) q (\lambda a. \lambda b. a) \\ &\rightarrow (\lambda f. f p q)(\lambda a. \lambda b. a) \\ &\rightarrow (\lambda a. \lambda b. a) p q \\ &\rightarrow (\lambda b p) q \\ &\rightarrow p\end{aligned}$$

Isto significa:

- Não existe necessidade real para as funções embutidas HEAD e CONS ou TAIL.
- Todas as funções embutidas podem ser modeladas como abstrações-lambda.
- De um ponto de vista teórico, isto é satisfatório, para efeitos práticos porém, não é utilizado (eficiência).

2.2.3. Conversão-Alfa

Considere:

$$(\lambda x. + x 1) \quad e \quad (\lambda y. + y 1)$$

Evidentemente elas devem ser equivalentes. A conversão- α é o nome dado à operação de mudança de nome (consistente) de um parâmetro formal.

Notação:

$$(\lambda x. + x 1) \quad \underset{\alpha}{\leftrightarrow} \quad (\lambda y. + y 1)$$

α -congruência: duas expressões- λ M e N são α -congruentes (ou α -iguais), denotado por $M \cong N$ se ou $M \equiv N$ ou $M \xleftrightarrow{\alpha} N$, ou N é obtido de M através da reposição de uma sub-expressão S de M por uma expressão- λ T tal que $S \xleftrightarrow{\alpha} T$, ou existe alguma expressão- λ R tal que $M \cong R$ e $R \cong N$.

2.2.4. Conversão-Eta

Sejam: $(\lambda x. + 1 x)$ e $(+ 1)$. Estas expressões se comportam exatamente da mesma maneira, quando aplicadas a um argumento: **ambas adicionam 1 ao argumento**.

Conversão- η é o nome dado à regra que expressa essa equivalência:

$$(\lambda x. + 1 x) \xleftrightarrow{\eta} (+ 1)$$

De forma mais geral, a regra da conversão- η pode ser expressa assim:

$$(\lambda x. F x) \xleftrightarrow{\eta} F$$

desde que x não ocorra livre em F e F denote uma função.

A condição de que x não deve ocorrer livre em F previne conversões errôneas. Exemplo:

$$(\lambda x. + x x) \text{ não é } \eta\text{-convertível para } (+ x)$$

pois x ocorre livre em $(+ x)$.

A condição de que F deve denotar uma função previne outras conversões errôneas envolvendo constantes embutidas (predefinidas). Exemplo:

$$\text{TRUE não é } \eta\text{-convertível para } (\lambda x. \text{TRUE } x)$$

Quando a conversão- η é utilizada da esquerda para a direita, é chamada de **redução- η** .

2.2.5. Provas de Interconvertibilidade

- Frequentemente será necessário poder-se demonstrar a interconvertibilidade de duas expressões- λ .

- Quando as duas expressões denotam funções, esta prova pode se tornar extremamente longa.

Há porém, métodos para abreviar provas, que não sacrificam o seu rigor. **Exemplo:**

$$\mathbf{IF\ TRUE\ ((\lambda\ p.p)\ 3)\ e\ (\lambda\ x.\ 3)}$$

Ambas as expressões denotam a mesma função, que invariavelmente retorna o valor **3**, não importa o valor de seu argumento e seria de se esperar que ambas sejam interconvertíveis.

Isto realmente ocorre:

$$\begin{aligned} \mathbf{IF\ TRUE\ ((\lambda\ p.p)\ 3)} & \xleftrightarrow{\beta} \mathbf{IF\ TRUE\ 3} \\ & \xleftrightarrow{\eta} \mathbf{(\lambda\ x.\ IF\ TRUE\ 3\ x)} \\ & \rightarrow \mathbf{(\lambda\ x.\ 3)} \end{aligned}$$

onde o passo final é a regra de redução para **IF**.

Um método alternativo de se provar a interconvertibilidade de duas expressões, muito mais conveniente, é o de se aplicar as duas expressões a um argumento **w**, como:

$$\begin{array}{ll} \mathbf{IF\ TRUE\ ((\lambda\ p.p)\ 3)\ w} & \mathbf{(\lambda\ x.\ 3)\ w} \\ \rightarrow \mathbf{(\lambda\ p.p)\ 3} & \rightarrow \mathbf{3} \\ \rightarrow \mathbf{3} & \end{array}$$

Portanto: $\mathbf{IF\ TRUE\ ((\lambda\ p.p)\ 3) \leftrightarrow (\lambda\ x.\ 3)}$

Esta prova tem a vantagem de somente utilizar a redução e de evitar o uso explícito da conversão- η .

O raciocínio por detrás da generalização da interconvertibilidade acima segue abaixo. Suponha que possamos demonstrar que:

$$\mathbf{F_1\ w \rightarrow E}$$

e

$$\mathbf{F_2\ w \rightarrow E}$$

onde w é uma variável que não ocorre livre tampouco em F_1 como em F_2 , e E é alguma expressão, então podemos raciocinar da seguinte forma:

$$\begin{array}{lcl}
 F_1 & \xleftrightarrow[\eta]{} & (\lambda w. F_1 w) \\
 & \leftrightarrow & (\lambda w. E) \\
 & \leftrightarrow & (\lambda w. F_2 w) \\
 & \xleftrightarrow[\eta]{} & F_2
 \end{array}$$

e por conseguinte $F_1 \leftrightarrow F_2$.

Não é sempre que expressões- λ que “deveriam” dizer a mesma coisa são interconvertíveis. Isto será tratado mais tarde.

2.2.6. Sumário: Regras de Conversão

Há três regras de conversão que possibilitam a interconversão de expressões envolvendo abstrações- λ :

1. **Mudança de nome:** a conversão- α permite que se troque o nome de parâmetros formais de uma abstração- λ , penquanto isto for feito de forma consistente.
2. **Aplicação de funções:** A redução- β permite a aplicação de abstrações- λ a um argumento através de geração de uma nova instância do corpo da abstração, substituindo o argumento por ocorrências livres do parâmetro formal. Cuidado especial deve ser tomado quando o argumento contém variáveis livres.
3. **Eliminação de abstrações- λ redundantes:** A redução- η pode as vezes eliminar uma abstração- λ .

Dentro deste contexto, podemos considerar as funções embutidas (predefinidas) como mais uma forma de conversão. Esta forma de conversão recebe o nome de **conversão- δ** .

2.3. Ordem de Redução

Se uma expressão não contém mais redexes, então a avaliação está completa. Um expressão nesta forma é dita estar na forma normal.

Assim, a avaliação de uma expressão consiste na na redução sucessiva de redexes, até que a expressão esteja na **forma normal**.

Definição (forma normal): uma expressão- l é dita estar na forma normal, se nenhum redex- b , isto é, nenhuma subexpressão da forma $(\lambda x.P)Q$ ocorre nela.

Uma expressão pode conter mais do que um redex, assim **a redução pode acontecer por caminhos diferentes**.

² Exemplo:

$$(+ (* 3 4) (* 7 8))$$

pode ser reduzido à forma normal pelas seguintes seqüências:

$$(+ (* 3 4) (* 7 8))$$

$$\rightarrow (+ 12 (* 7 8))$$

$$\rightarrow (+ 12 56)$$

$$\rightarrow 68$$

ou

$$(+ (* 3 4) (* 7 8))$$

$$\rightarrow (+ (* 3 4) 56)$$

$$\rightarrow (12 56)$$

$$\rightarrow 68$$

² Nem toda expressão possui uma forma normal, considere:

$$(D D)$$

² onde D é $(\lambda x.x x)$.

A avaliação desta expressão jamais terminaria, uma vez que $(D D)$ reduz para $(D D)$:

$$(\lambda x.x x) (\lambda x.x x) \rightarrow (\lambda x.x x) (\lambda x.x x)$$

$$\rightarrow (\lambda x.x x) (\lambda x.x x)$$

² Por conseguinte, **algumas** seqüências de redução poderão atingir a forma normal, outras não.

Considere:

$$(\lambda x.3) (D D)$$

²Se nós primeiro reduzirmos a aplicação de $(\lambda x.3)$ a $(D D)$ (sem avaliar $(D D)$), obteremos o resultado 3; porém se primeiro reduzimos a aplicação de D sobre D , nós simplesmente obtemos $(D D)$ novamente.

² Se nós continuamos insistindo em escolher a aplicação de D sobre D , a avaliação vai continuar indefinidamente, não terminando.

² Esta situação corresponde à de um programa imperativo que entra em um laço infinito. Dizemos que a avaliação ou execução **não termina**.

² Para contornar esta situação, existe a **ordem normal de redução**, que garante que uma forma normal, caso exista, será encontrada.

2.3.1. Ordem Normal de Redução

- ² Uma questão que se coloca, além da questão "poderei encontrar uma forma normal ?", é a questão de se existe mais de uma forma normal para uma expressão, ou:

Poderá uma seqüência de redução diferente levar a uma forma normal diferente?

Ambas as questões estão interligadas.

- ² A resposta para a última pergunta é: **não**.
Isto é uma consequência dos teoremas de Church-Rosser CRT1 e CRT2.

Teorema de Church-Rosser 1 (CRT1):

Se $E_1 \leftrightarrow E_2$, então existe uma expressão E , tal que $E_1 \rightarrow E$ e $E_2 \rightarrow E$

Corolário: Nenhuma expressão pode ser convertida em duas formas normais distintas. Isto significa que não existem duas formas normais para uma expressão que não sejam a-convertíveis entre si.

Prova: Suponha que $E_1 \leftrightarrow E$ e $E_2 \leftrightarrow E$, onde E_1 e E_2 estão na forma normal.

Então $E_1 \leftrightarrow E_2$ e, pelo CRT1, deve haver uma expressão F tal que $E_1 \rightarrow F$ e $E_2 \rightarrow F$.

Como tanto E_1 como E_2 não possuem redexes, logo $E_1 = F = E_2$

- ² Informalmente, o teorema CRT1 diz que todas as seqüências de redução que terminam, haverão de atingir o mesmo resultado.

O segundo teorema de Church-Rosser, CRT2, diz respeito a uma ordem particular de redução, chamada **ordem normal de redução**.

Teorema de Church-Rosser 2 (CRT2):

Se $E_1 \rightarrow E_2$, e E_2 está na forma normal, então existe uma **ordem normal** de seqüência de redução de E_1 para E_2 .

Conseqüências:

- ² Existe no mínimo um resultado possível e
- ² a ordem normal de redução encontrará este resultado, caso ele exista.
- ² Observe que nenhuma seqüência de redução poderá levar a um resultado incorreto, o máximo que poderá acontecer é a não-terminação.

A Ordem Normal de Redução especifica que o redex **mais à esquerda mais externo** deverá ser reduzido primeiro.

²No exemplo anterior $(\lambda x. 3) (D D)$, escolheríamos o redex- λx primeiro, não o $(D D)$.

- ² Esta regra encorpa a intuição de que argumentos para funções podem ser descartados, de forma que deveríamos aplicar a função $(\lambda x. 3)$ primeiro, ao invés de primeiro avaliarmos o argumento $(D D)$.

2.3.2. Ordens de redução ótimas

- 2 Enquanto a ordem normal de redução garante que ou uma solução seja encontrada ou o não-término ocorra, ela não garante que isto ocorra no número mínimo de passos de redução, o que é um fato relevante na utilização do cálculo- λ para a implementação de linguagens de programação interpretadas.
- 2 No caso da implementação da resolução através de redução de grafos - que estudaremos mais tarde - porém, aparentemente a ordem normal de redução é "geralmente ótima" em questão de tempo de execução.

Analisar uma expressão para encontrar o redex ótimo para ser reduzido é aparentemente muito mais trabalhoso e gasta mais tempo do que arriscar uma redução com mais passos seguindo "cegamente" a ordem normal.

- 2 Alguns autores como (*Levy, J.J.; Optimal Reductions in the Lambda Calculus in Essays on Combinatory Logic, Academic Press, 1980*) se ocuparam de algoritmos para encontrar ordens ótimas ou quase-ótimas de redução que preservassem as qualidades da ordem normal de redução. Isto é assunto de um tópico avançado que não cabe nesta disciplina.

2.4. Funções Recursivas

- 2 Se o propósito da utilização de cálculo lambda é a conversão de programas funcionais neste para que possamos resolvê-los, devemos ser capazes de representar uma das características mais marcantes das linguagens funcionais, a **recursão**.
- 2 O cálculo lambda suporta a representação de recursividade sem maiores extensões através da utilização de alguns pequenos truques.

2.4.1. Funções Recursivas e o Y

- 2 Considere a definição da função fatorial abaixo:

$$FAC = (\lambda n. IF (= n 0) 1 (* n (FAC (- n 1))))$$

- 2 Esta definição baseia-se na capacidade de se dar um nome a uma abstração lambda e de fazer referência a esta dentro dela mesma.
- 2 Nenhuma construção deste tipo é provida pelo cálculo lambda.
- 2 O maior problema aqui é que funções lambda são **anônimas**.
- 2 Dessa forma elas não podem nomear-se e assim não podem se referenciar a si mesmas.

Para resolver este problema iniciamos com um caso onde encontramos a recursão na sua forma mais pura:

$$FAC = (\lambda n. \dots FAC \dots)$$

- 2 Aplicando uma abstração- η sobre FAC, podemos transformar esta definição em:

$$FAC = (\lambda fac. (\lambda n. (\dots fac \dots))) FAC$$

- 2 Esta definição podemos escrever da forma:

$$FAC = H FAC \quad (2.1)$$

- 2 onde:

$$H = (\lambda fac. (\lambda n. (... fac ...)))$$

- 2 A definição de H é trivial.
É uma abstração lambda ordinária e não usa recursão.
- 2 A recursão é expressa somente pela definição 2.1.

A definição 2.1 pode ser encarada mais como uma equação matemática. Por exemplo, para resolver a equação matemática

$$x^2 - 2 = x$$

nós procuramos por valores de x que satisfazem a equação (neste caso $x = -1$ e $x = 2$).

De forma similar, para resolver 2.1, nós procuramos uma expressão lambda para FAC que satisfaça 2.1.

A equação 2.1 **FAC = H FAC** postula que, quando a função H é aplicada a **FAC**, o resultado é **FAC**.

Nós dizemos que **FAC** é um *ponto fixo* de H.

Uma função pode ter mais de um ponto fixo. Por exemplo, na função abaixo, tanto 0 quanto 1 são pontos fixos da função:

$$\lambda x. * x x$$

a qual calcula o quadrado de seu argumento.

Em resumo, estamos procurando por um ponto fixo para H. Claramente isto depende somente de H.

Para isto, invente-se, a título provisório, uma função Y, a qual toma uma função como argumento e devolve o seu ponto fixo como resultado.

Assim Y tem o comportamento de:

$$Y H = H (Y H)$$

e Y é chamado de *combinador de ponto fixo*.

Assim, caso possamos produzir um Y, temos uma solução para o problema da recursividade.

Para 2.1 podemos prover a seguinte solução:

$$FAC = Y H$$

a qual é uma definição não-recursiva de FAC.

Como teste para esta estratégia, podemos computar o valor de **(FAC 1)**. Tomemos as definições de **FAC** e **H**:

$$FAC = Y H$$

$$H = (\lambda fac. \lambda n. IF (= n 0) 1 (* n (fac (- n 1))))$$

Assim: **FAC 1**

```
-> Y H 1
-> H (Y H) 1
-> (lfac.ln.IF (= n 0) 1 (* n (fac (- n 1)))) (Y H) 1
-> (ln.IF (= n 0) 1 (* n (Y H (- n 1)))) 1
-> IF (= 1 0) 1 (* 1 (Y H (- 1 1)))
-> * 1 (Y H 0)
= * 1 (H (Y H) 0)
= * 1 ((lfac.ln.IF (= n 0) 1 (* n (fac (- n 1)))) (Y H) 0)
-> * 1 ((ln.IF (= n 0) 1 (* n (Y H (- n 1)))) 0)
```

```
-> * 1 (IF (= 0 0) 1 (* n (Y H(- 0 1))))
-> * 1 1
-> 1
```

2.4.2. Y pode ser definido como uma Abstração Lambda

- 2 Para a transformação de uma expressão recursiva em uma não-recursiva, utilizamos o combinador de ponto fixo, uma função que chamamos de Y.
- 2 A propriedade que Y necessita ter é: $Y H = H (Y H)$
- 2 e isto representa evidentemente a recursão da forma mais pura, uma vez que esta fórmula pode ser utilizada para representar, de forma abstrata, qualquer fórmula recursiva que queiramos.
- 2 O truque é que podemos representar Y como uma abstração lambda sem utilizar a recursão:

$$Y = (\lambda h. (\lambda x. h (x x)) (\lambda x. h (x x)))$$

Para demonstrar que Y possui a qualidade desejada, avaliemos:

```
Y H
= (\lambda h. (\lambda x. h (x x)) (\lambda x. h (x x))) H
<-> (\lambda x. H (x x)) (\lambda x. H (x x))
<-> H ((\lambda x. H (x x)) (\lambda x. H (x x)))
<-> H (Y H)
```

- 2 O fato de Y poder ser definido como uma abstração lambda é, do ponto de vista matemático, realmente digno de nota.
- 2 Do ponto de vista da implementação, é relativamente ineficiente implementar Y como uma abstração lambda. Para a construção de linguagens funcionais, utiliza-se geralmente uma função embutida com a regra de redução:

$$Y H \rightarrow H (Y H)$$

2.4.3. Exercícios (entregar próxima aula)

I. Redução:

Reduza as seguintes expressões-lambda às suas respectivas formas normais:

$((\lambda f . \lambda x . \lambda y . (x) (f) y) p) q) r$

$((\lambda x . \lambda y . \lambda z . (y) x) (x) y) (u) z) y$

$(\lambda x . (\lambda y . (x) (y) y) \lambda z . (x) (z) (\lambda u . \lambda v . u) w)$

$((\lambda x . \lambda y . \lambda z . ((x) z) (y) z) (\lambda u . \lambda v . u) w) \lambda s . s) t$

$((\lambda x . (\lambda z . (x) (y) y) \lambda y . (x) (y) y) \lambda z . \lambda u . \lambda v . (u) (z) v) (\lambda r . \lambda s . r) t) w$

$(\lambda x . x (xy)) N$

$(\lambda x . y) N$

$(\lambda x . (\lambda y . xy) N) M$

$(\lambda x . xx) (\lambda x . xx)$

$(\lambda x . xxy) (\lambda x . xxy)$

$(\lambda x . z) ((\lambda x . xxy) ((\lambda x . xxy)))$

II. Recursividade:

1. Dê uma definição recursiva para o maior divisor comum de dois inteiros e calcule o valor de **((mdc) 10) 14)** utilizando o combinador Y.
2. Tente o mesmo para os números de Fibonacci e use Y para computar **(Fibo) 5**.